

2.

O Megaestruturalismo: a última expressão do movimento moderno ocidental e a primeira da vanguarda não-ocidental

O Megaestruturalismo se desenvolverá no contexto otimista dos anos 60. A disponibilidade de recursos econômicos e tecnológicos surgida após a superação da devastação da Segunda Guerra propiciava o surgimento de projetos visionários em escala global. Esses projetos se desenvolveram em várias partes do mundo como na América e no Canadá, onde foram, muitas vezes, apenas parcialmente implantados. Nesse contexto surgiram as escolas megaestruturalistas conhecidas como o *Metabolismo* no Japão, o *Urbanismo Espacial* na França e o *Cittá-territorio* na Itália. Essas escolas acabaram se fundindo após 1964, quando passaram a ser tratadas pela imprensa especializada como um fenômeno da arquitetura mundial.

No Ocidente, o progresso da tecnologia espacial gerava um otimismo futurista inspirador, que remetia à estética de Sant'Elia e à ampliação das dimensões projetuais. A estética das máquinas e o dinamismo espacial herdados do movimento futurista passam a ser reinterpretadas a partir da Cultura Pop⁶ pelos arquitetos desse movimento, acrescentando um caráter lúdico e irreverente.

A decadência do conceito de megaestrutura coincide no Ocidente com a crise da arquitetura moderna nos anos 70, provavelmente porque a megaestrutura sintetizava a pretensão moderna de desenhar o ambiente humano em sua totalidade⁷, crítica que se desenvolveu na arquitetura em conjunto àquelas trazidas

⁶ Os movimentos megaestruturais mantinham diferenças entre si e internamente. Busbea discorda da generalização de Reyner Banham, na qual me baseei, sobre essa visada *pop* do movimento, que devia estar mais associada às vertentes inglesa da *Archigram* e americana, ligada aos alunos UCLA e à Denise Scott Brown. De qualquer modo, todas as vertentes estão ligadas à questão do lazer e às possibilidades oferecidas pela tecnologia para proporcioná-lo. Sobre a posição de Busbea, no caso francês: “*The French projects were distinguished by their sobriety (with several notable exceptions), by the absolute seriousness with which they were presented (always with a slew of demographic statistics and sociological citations), by their paradoxical faith in technological and absolute distrust of mass culture, and by their many appeals for official implementation by the administration in the context of French planning and grand travaux.*” BUSBEA, L. **Topologies. The Urban Utopia in France, 1960-1970**.p.36.

⁷ Buckminster Fuller reintroduzia a questão da arquitetura total de modo mais radical que os modernos da Bauhaus, que estariam retidos na questão da qualidade do acabamento mais que na eficiência da distribuição. (ver BANHAM, R. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**). Em 1961, Fuller palestra em Londres sobre seu projeto, baseado na alta-tecnologia, englobando toda

pelo contexto revolucionário dos anos 1960. Dessa arquitetura, ficaram alguns exemplos de edifícios isolados na paisagem da cidade, “*cual dinosaurios supervivientes, no de una época pasada, sino de un futuro fósil que no llegaría a ser*”.⁸

No Japão, os arquitetos sempre se depararam com o problema da construção em massa, em função das ameaças de devastação por catástrofes naturais. Também as limitações topográficas do país acirraram a atenção desde cedo para os efeitos da mudança drástica na relação entre a cidade e o campo, levantando questões urbanas como a alta densidade populacional, a rápida obsolescência da arquitetura face à modernização, a perda da relação com a natureza e a sustentabilidade. Após os bombardeios da Segunda Guerra, os japoneses tiveram que elaborar a reconstrução de cidades inteiras colocando em prática o sincretismo entre o conhecimento moderno e tradicional que seus arquitetos vinham desenvolvendo por gerações. O movimento Metabolista, como os outros movimentos megaestruturais, também coincide com um contexto de otimismo⁹, que lá foi gerado pela perspectiva da reconstrução do país e sua reinserção no contexto mundial. A *Conferência Internacional de Design* (WoDeCo), realizada em Tóquio em 1960 é utilizada como plataforma internacional para lançar o grupo de novos talentos arquitetônicos, cujos projetos foram desenvolvidos em torno de conceitos como *renovação, solos artificiais e Forma em Grupo*. Todos os integrantes desse grupo de vanguarda metabolista se

humanidade, desenvolvido 30 anos antes, o título era: “*The architect as world planner*”: “...I propose that the architectural departments of all the universities around the world be encouraged by the UIA to invest the next ten years in a continuing problem of how to make the total world’s resources serve 100 % of humanity through competent design (...)”. CONRAD, U. **Programs and manifestoes on 20th-century architecture**.

“The structures of Buckminster Fuller were also greatly influential in the French context, as they were internationally. These projects were part of a board and international critique of the avant-garde of the interwar period that was definitive for architecture in the fifties and sixties, and that began with the discourse on the “new monumentality”. The TEAM X critique of the older generation is another example; the assertion that the guidelines established by the Athens Charter were too strict and mechanized to reflect a new sociological awareness of the city(...)” BUSBEA, L. **Topologies. The Urban Utopia in France, 1960-1970**. p.43.

⁸ BANHAM, Reyner. **Megaestructuras. Futuro urbano del pasado reciente**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p. 10.

⁹ “When Prime Minister Hayato Ikeda announces the Income Doubling Plan in 1960, it sparks a decade of unprecedented economic growth- peaking at 10 percent in 1970 – and engenders a solid faith in the efficacy of governmental planning...perfect conditions for a historically rare confluence of state, business, and architecture/planning. America, nervous, call this semi-planned economy, with its state sponsorship of private initiative, “Japan Incorporated.” KOOLHAAS, R. e OBRIST H.U. **Project Japan. Metabolism talks**, p.661.

estabeleceram como arquitetos e tiveram reconhecimento internacional. Sendo expo-70, realizada nos arredores de Osaka, a celebração de sua apoteose e do “*milagre*”¹⁰ da economia japonesa.

A continuidade da pesquisa dos Metabolistas acerca das “questões de quantidade”, levou os japoneses ao desenvolvimento do instrumental moderno em grande escala, tanto em termos de megaestrutural como urbano, dando prosseguimento à questões abandonadas no ocidente. Esse instrumental megaestrutural moderno foi disseminado em outras cidades asiáticas, como Singapura e Korea, mesmo depois que o movimento Metabolista se dissolveu no Japão após a crise do petróleo, e que o Ocidente se voltava para a arquitetura pós-moderna historicista.

2.1. O Conceito de Megaestrutura

O projeto de Le Corbusier, desenvolvido em 1930 para o edifício “A” em Fort l’Empereur na Argélia (*Plano Obus*), é considerado o primeiro projeto de megaestrutura feito por um arquiteto. Ele se constitui de um enorme viaduto curvo sob o qual se insere uma “subestrutura” de lajes em concreto armado. Casas de dois andares estão dispostas sobre essas lajes. A estrutura monumental do viaduto abriga essas casas que não são desenhadas pelo arquiteto. Esse edifício não se define apenas pelo tamanho, mas o fato dele corresponder à densidade programática de uma cidade.

O edifício de Le Corbusier corresponde a todos os pontos descritos na etimologia da palavra “megaestrutura”:

“não apenas uma estrutura de grande tamanho, mas...também uma estrutura que frequentemente:

- 1- *está construída com unidades modulares;*
- 2- *é capaz de uma ampliação grande e também “ilimitada”;*
- 3- *é uma armação estrutural na qual se pode construir – ou ainda “conectar”, ou “fixar”, depois de ter sido pré-fabricadas em outro lugar-*

¹⁰ “Expo’70 marks the completion of Japan’s postwar moral and economic rehabilitation – the “miracle” which had made it richer than any nation apart US- and the beginning of the shift in the world’s center of gravity from West to East.” KOOLHAAS, R. e OBRIST H.U. **Project Japan. Metabolism talks**, p.507.

unidades estruturais menores (por exemplo, habitações, casas ou pequenas edificações de outros tipos);

4- *é uma armação estrutural, a qual se supõe uma vida útil maior que a das unidades menores que ela poderia sustentar.”¹¹*

A arquitetura megaestrutural, segundo Reyner Banham, recuperava o sentido da Ideologia da Técnica dos arquitetos modernos do início do século XX, para os quais, a arquitetura podia partir de gestos radicais do arquiteto e não precisa sofrer reducionismos trazidos pelas questões de adaptabilidade no mundo real. Ela tornava possível a especulação sobre um futuro hipotético.

Embora as megaestruturas não fossem pensadas como soluções-tipo corbusianas, mantinham a ideia do *systeme préconisé*, do sistema fechado e global, que ignorava ou sobrepunha a topografia ou quaisquer preexistências locais sem afetar seu desenho. A megaestrutura tinha o sentido de ser um sistema autossuficiente em relação ao ambiente, pois continha sua própria infraestrutura necessária para uma cidade. Apesar de preconizar a capacidade de ampliação e um perfil incerto, sua tentativa de concentração de atividades correspondia à imposição de ordem ao caos existente na cidade. Esse desejo de ordem ia além da demanda do programa de arquitetura. A ordem alcançada deveria poder ser reconhecida visualmente. A maior parte das megaestruturas configurava uma paisagem artificial, verticalmente delimitada pela estrutura e compartimentada por zonas funcionais, mantendo a recomendação da Carta de Atenas.

As megaestruturas foram usadas com unanimidade como solução racional para a crise da habitação e para o caos urbano entre as orientações políticas da direita e da esquerda tradicional. Em meados dos anos 60, várias obras megaestruturalistas haviam sido construídas¹² e não demonstraram ter as

¹¹ BANHAM, Reyner. *Megaestructuras. Futuro urbano del pasado reciente*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001. p. 9. (citação do texto de Ralph Wilcoxon de 1968, traduzido livremente pela autora)

¹² Ver Reyner Banham, *Megaestructuras. Futuro urbano del pasado reciente*, capítulos “*La megaciudad de Montreal*”, onde em 1967 foi montada a Expo Montreal, implicando numa série de intervenções para o evento e realizações que já estavam a caminho na cidade. Eram marcantes: O Pavilhão de exposição em estruturas tetraédricas “*Man the Producer*” (do ARCOP); os solos artificiais criados para abrigar a exposição, que eram ilhas e uma língua de terra sobre o rio São Lorenzo, a linha férrea, os túneis subterrâneos e pontes que interligavam os solos e configuravam uma megaestrutura; assim como outra rede de túneis para pedestres e metrô que interligavam hotéis (como o *Place Bonaventure*) e escritórios. Além disso, havia o *Habitat*, o famoso sistema modular tridimensional de cápsulas habitáveis de Moshe Safdie e a cúpula do pavilhão americano,

qualidades almeçadas por seus arquitetos idealizadores; seja por não terem sido concluídas devido ao alto custo, ou por não demonstrarem ter flexibilidade programática almejada. Esse momento coincidiu com o surgimento da crítica promovida pelos próprios arquitetos vanguardistas do movimento.

Essa crítica interna pode ter sido promovida pela disseminação do neomarxismo e da contracultura no final dos anos 60¹³, quando a megaestrutura é acusada de oferecer uma liberdade apenas ilusória, prescrita pelos arquitetos do megasistema capitalista como um produto como outro qualquer do mercado. Os ideais do Situacionismo¹⁴ que haviam servido de base para pensar algumas das

projetada por Buckminster Fuller. 1967 foi o ano da execução do edifício “ampliável” em concreto *Yamanishi* de Kenzo Tange em Kofu e também a conclusão da maior megaestrutura já construída até então: *Cumbernauld New Town Centre*, na Escócia, de Geoffrey Copcutt, se não forem contabilizadas as *Megaestruturas* acidentais, como a *George Washington Bridge*. Também nessa época institucionalizou-se a megaestrutura como a arquitetura apropriada para as universidades, como as estruturas A do *Sacramento College* em Toronto e a *Universidade East Anglia* em forma escalonada de *Terrassenhäuser* na Inglaterra: “*Esta megamania llegó a su máximo en 1968, y, a pesar de que los académicos estuvieron entre los que manifestaban más clamorosamente la aversión “popular” hacia todos los grandes edificios urbanos, dentro de la reacción que siguió a los évenements de aquel año turbulento, fueron numerosas las escuelas de arquitectura que siguieron preocupándose durante años por la megaestructura, y muchas las universidades que siguieron construyendo megaestructuras hasta muy entrados los años 70 (...)*”. BANHAM, op. cit., p. 131.

¹³ “*Evidentemente, la megaestructura era un pariente cercano de las altas finanzas; quienes consideraban inaceptables los conglomerados y las multinacionales también encontrarían inaceptable la megaestructura. Aquellas megaestructuras que pudieran alcanzar siquiera la limitada permisividad de Plug-In City representarían inversiones masivas en alta tecnología; por consiguiente, los neomarxistas y los neoludistas se unirían para encontrar inaceptable la megaestructura. Ésta, casi por definición, significaría la destrucción o el eclipse de los ambientes urbanos a pequeña escala; quienes acababan de redescubrir la “comunidad” en los barrios pobres, temerían tanto a la megaestructura como a cualquier otra clase de programa de renovación urbana a gran escala y considerarían que la gente nunca estaría preparada para ello. Para los hippies, los tráfugos de comunas abandonadas, las guerrillas urbanas, los activistas sociales, los marginalizados políticos, los panteras negras, los moderados sibaristas de clase media y los conservadores históricos, los marcusianos, los radicales de las escuelas de arte y los protagonistas de la democracia callejera de los **événements de Mai**, la megaestructura era un símbolo casi perfecto de la opresión del capitalismo liberal.*” BANHAM, B. **Megaestructuras. Futuro urbano del pasado reciente**, p. 210.

¹⁴ “*In 1957 a few European avant-garde groups came together to form the Situationist International. Over the next decade the SI developed an increasingly incisive and coherent critique of modern society and of its bureaucratic pseudo-opposition, and its new methods of agitation were influential in leading up to the May 1968 revolt in France. Since then – although the SI itself was dissolved in 1972 – situationist theses and tactics have been taken up by radical currents in dozens of countries all over the world.*”. KNABB, K. Preface, 1981, em: **The Situationist International Anthology**, 2006.

A proposta urbanística do grupo situacionista foi se radicalizando com o tempo. A princípio, as propostas de promover o *Urbanismo Unitário*, em contraposição à ideia de separação do lazer, trabalho, moradia etc. presente na Carta de Atenas, incluía a utilização da tecnologia disponível e a aceitação da estrutura disponível: “*Even if, during a transitional period, we temporarily accept a rigid division between work zones and residence zones, we must at least envisage a third sphere:*

megaestruturas de vanguarda são radicalizados no sentido de negar o Establishment capitalista e formar uma sociedade alternativa, não patriarcal, sem propriedade privada etc., para escapar da lógica capitalista. A partir dos eventos europeus de maio de 1968, disseminou-se também o ativismo ecológico que buscava um tipo de arquitetura que não requisitasse a alta tecnologia. Ele veio acompanhado de um sentimento anti-urbano, da busca de encontro com a natureza.

O desejo contraditório de fazer uma arquitetura flexível, que gerasse um sistema aberto e adaptável, e o de alcançar uma imagem arquitetônica coerente foi uma das razões que levou os arquitetos ocidentais ao desenvolvimento das megaestruturas, ao lado de questões como o lazer “*não-alienado*” e a sociabilização. A consciência de que a alta-tecnologia envolvida nos projetos megaestruturais dependia de altos investimentos financeiros, vindos de instituições ligadas ao poder político e financeiro, levou os arquitetos da geração de Maio de 68 a desacreditarem dessa solução. Os conjuntos habitacionais em grandes escalas¹⁵, como o Pruitt-Louis, idealizados pelos arquitetos modernos do

that of life itself (the sphere of freedom and leisure-the essence of life). Unitary urbanism acknowledges no boundaries(...). DEBORD, G., 1959.

“We are in the process of inventing new techniques; we are examining the possibilities offered by existing cities; and we are making models and plans for future cities. We know that we need to avail ourselves of all the new technological inventions (...)”. CONSTANT, N., 1959.

*“Unitary urbanism is the contrary of a specialized activity; to accept a separate urbanistic domain is already to accept the whole urbanistic lie and the falsehood permeating the whole of life. (...) Authentic urbanism will appear when the absence of this occupation is created in certain zones. What we call construction starts there. It can be clarified by the **positive void** concept developed by modern physics.”* KOTÁNYI, A., VANEIGEM, R., 1961.

“The intelligent specialists are intelligent only in playing the game of specialists; hence the timid conformity and fundamental lack of imagination (...). Those who really “cohabit with the negative” (in Hegelian sense) and explicitly recognize this lack as their platform and their power will bring to light the only positive project that can overthrow the wall of sleep; and the measures of survival; and the doomsday bombs; and the megatons of architecture.” INTERNATIONALE SITUATIONNISTE # 7, 1962.

*“Science in the service of capital, the commodity and the spectacle is nothing other than capitalized knowledge, fetishism of the idea and method, alienated image of human thought. (...) Just as industry, which was intended to free people from work through machinery, has so far done nothing but alienate (...)”*ROTHE. E., 1969.

“The point is therefore not to modify private or state property, but to abolish it; not to mitigate class differences, but to create a new society; not to achieve some partial success that would give rise to a new division, but to thoroughly reject every new disguise of the old world.”. ITALIAN SECTION OF THE SITUATIONIST INTERNATIONAL, 1969.

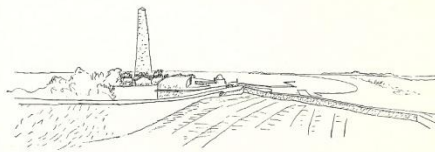
¹⁵ Conjuntos habitacionais em grande escala passaram a ser associados à degradação social, como o Pruitt-Louis nos EUA, construído em 1956 e demolido 20 anos depois por ser considerado um antro da criminalidade, não correspondendo à expectativa com solução habitacional para as massas.

período entre Guerras, comprovariam esta hipótese, condenando as soluções em grande escala como meio adequado para os problemas sociais, antes mesmo que elas pudessem ser plenamente desenvolvidas. Os arquitetos foram então buscar novas estratégias nas soluções de baixas densidades e descentralizadas, nas construções espontâneas e outras tantas que valorizassem a participação do usuário. Muitas vezes, a qualidade de vida alcançada nesses meios estudados dispensava a atuação profissional. Como consequência, o papel do arquiteto também precisou ser reavaliado. Koolhaas considera essas soluções urbanas voltadas para pequena escala anacrônicas. Ele procurará uma solução alternativa para a crise da arquitetura ocidental na arquitetura japonesa, onde o projeto moderno não fora interrompido.

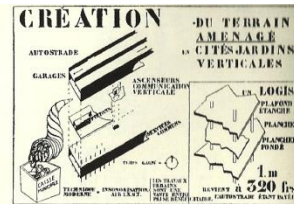


Ici, les principes traditionnels d'extension vers la périphérie: désastre moral, décadence et gaspillage de l'argent public

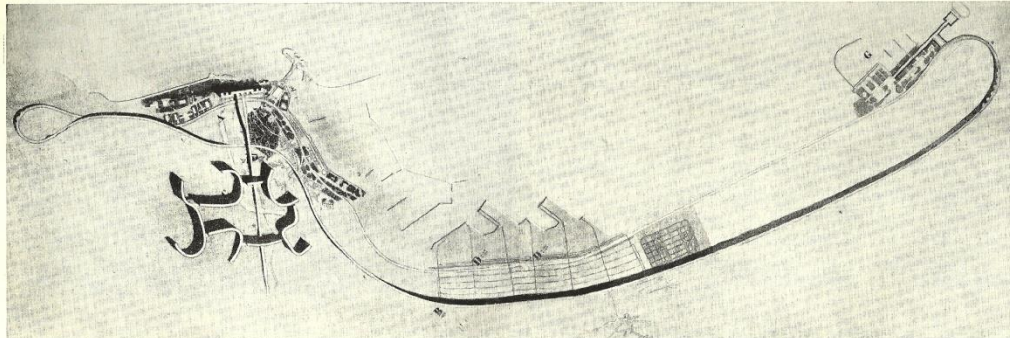
AL 515a



Aspect des terrains libres et inaccessibles de Fort-l'Empereur
Spectacle admirable!



Ici, se saisir des techniques modernes et les faire collaborer au bien public, dans l'efficacité et l'économie: on gagne de l'argent! on fait de l'argent



Le premier projet d'ensemble
Projet «A» dénommé «projet obus» pour signifier qu'il s'agit ici d'idées générales, de principes nouveaux, de directives, d'ordres de grandeur nouveaux: à l'échelle des techniques modernes
A l'échelle des destinées proches d'Alger: tête de l'Afrique



Figura 1: Edifícios A, B e C do chamado Plano *Obus* de Le Corbusier, Argélia, 1930.

Os projetos seriam ligados por passarelas. O maior viaduto, tipo C, ligaria dois bairros de subúrbio. Os blocos do tipo A, seriam edifícios de negócios, e os B, residenciais. O projeto rompe com a malha urbana tradicional.

Fonte Fotos: www.fondationlecorbusier.fr

2.2.

Da crise do conceito de cidade enquanto estrutura formal orgânica às Megaestruturas metropolitanas e a Tabula Rasa

Segundo Tafuri, a cidade como estrutura formal orgânica, que remete à cidade barroca, entrou em decadência no período Iluminista através da Revolução Industrial e da concentração da população proletária e burguesa nas cidades. O urbanismo refletiria plenamente o que Tafuri denomina como “*Dialética do Iluminismo*”¹⁶, que pode ser traduzida pelo reconhecimento de crise na relação entre o *objeto* arquitetônico e a organização urbana. O agigantamento das estruturas e do espaço urbano transformavam as soluções, baseadas em preceitos geométricos, em meros fragmentos de ordem. Se tais fragmentos, por um lado, caracterizarão o ecletismo da arquitetura da época, por outro, ilustrarão o ineficiência do instrumental urbanístico barroco, diluído no caos da metrópole emergente. A mistura alucinada de elementos arquitetônicos levavam ao esvaziamento de significados da forma. O papel da forma ficaria restrito à função social que lhe era atribuída através do desenvolvimento dos *tipos arquitetônicos*, cuja expressividade os modernos tentarão neutralizar e os pós-modernos tentarão recuperar. Essas tentativas de reabilitação das formas e do traçado urbano pré-modernos podem soar anacrônicas no mundo contemporâneo, mas são privilegiadas pela maior parte dos arquitetos ocidentais nos anos 1980. É nesse sentido, que o projeto de de Koolhaas para a intervenção urbana no quarteirão entre a Kochstrasse e a Friedrichstrasse em Berlim para a IBA, em 1980, cria polêmica. Contra a mentalidade vigente, ele propunha revitalizar o conceito de tabula rasa existente nos projetos de arquitetos modernos, que existiam no local e que dissolviam a preponderância do traçado da rua do século XVIII. (Fig. 3)

O arranha-céu nova iorquino como Forma vazia. A ruptura da Forma com a malha urbana

A transformação do espaço urbano que se iniciou no período Iluminista na Europa, culminando com a destruição de sua forma orgânica, será tratada de modo diferente nos EUA, através das teorias urbanas desenvolvidas por Thomas Jefferson. Elas servirão de fonte de inspiração para outros planejadores urbanos

¹⁶ TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 3.

americanos. Segundo Tafuri, ele se apropriará de ideias Iluministas europeias, traduzidas pelo “*classicismo, Palladianismo e o experimentalismo inglês*”¹⁷. Jefferson defendia uma “*democracia agrária*”, apesar de viver no contexto capitalista e sua interpretação da arquitetura europeia decorrerá desse ideal. Ele integrará a linguagem clássica às necessidades modernas, traduzidas pelo uso de invenções técnicas e funcionais. Para tanto reduzia a forma arquitetônica a esquemas geométricos e transformava a aristocrática arquitetura clássica num bem a ser democratizado¹⁸:

“Jefferson thus anticipated the reduction to a purely geometric (and therefore completely antisymbolic) language that was to be the final stage of Enlightenment architecture in Europe (see the didactic of Durant and Dubut).

*The heroic aspect of classicism was accepted by Jefferson as a European myth to be “made” American (and for this reason it could be used with freedom and open-mindedness)..”*¹⁹

A demanda por mobilidade, própria do caráter mutante do capitalismo seria incorporado no planejamento das cidades de Nova Iorque, Chicago e Detroit de modo pragmático através da disposição da infraestrutura urbana flexível e controlada pelo Estado. Apesar da diferença simbólica e funcional entre as cidades²⁰, representada materialmente através da arquitetura, seus planejamentos partiriam do mesmo princípio, “*considerando o problema do ponto de vista das forças que provocam a mudança morfológica na cidade, e controlando-as através de uma atitude pragmática completamente estranha aos europeus*”²¹:

“The use of a regular network of arteries as a simple flexible support for an urban structure to be safeguarded in its continual transformation, realizes an objective never arrived at Europe. In the American city absolute liberty is granted to the single architectural fragment, but this fragment is situated in a context that it does not condition formally: the secondary elements of the city are given maximum articulation, while the laws governing the whole are rigidly maintained.

¹⁷ TAFURI, M. **Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development**. MIT, 1976. P. 25.

¹⁸ “*The city in L’Enfant’s Washington is really new nature. The models derived from the Europe of absolutism and despotism are now expropriated by the capital of democratic institutions, and translated into social dimensions certainly unknown at the Versailles of Louis XIV*”. TAFURI, M. **Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development**. MIT, 1976. P. 32.

¹⁹ TAFURI, M. **Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development**. MIT, 1976. P. 28.

²⁰ “*Values, stability, and form are thus presented as objects that are unreal but have nonetheless taken material form.*” TAFURI, M. **Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development**. MIT, 1976. P. 36.

²¹ TAFURI, M. **Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development**. MIT, 1976. P. 38

Thus urban planning and architecture are finally separated. The geometric character of the plan of Washington, as earlier that of Philadelphia and later that of New York, does not seek an architectural correspondence in the forms of the single buildings. Unlike what happens in Saint Petersburg or Berlin, architecture is free to explore the most diverse expressions.”²²

Na metrópole americana, a forma livre dos edifícios não corresponderia mais em absoluto ao desenho regular da malha urbana, correspondência que era encontrada na cidade Barroca²³. A cidade de Nova Iorque ilustraria perfeitamente o desenvolvimento da metrópole capitalista liberal; ela é movida verticalmente pelo capital e é minimamente limitada pelo Estado através da regulamentação da malha. Na arquitetura de NY, a composição formal clássica dos edifícios estaria dissociada de significados trazidos da arquitetura europeia. A arquitetura americana de modo geral, segundo Tafuri, teria antecipado a abstração dos tipos arquitetônicos feita pelos Neoclássicos europeus. Thomas Jefferson, como arquiteto, já havia promovido esse procedimento na cidade de Washington ao utilizar-se de elementos clássicos *ready-made* típicos da aristocracia europeia na arquitetura da capital do país, símbolo da democracia americana. Esse procedimento de dissociação de forma e significado se repete na arquitetura novaiorquina; e é somente nas cidades americanas que *o planejamento urbano é finalmente separado da arquitetura*²⁴.

O conceito de *Bigness* de Koolhaas dá continuidade à abordagem tafuriana da arquitetura americana. Em NYD, ele reafirma a questão da liberdade expressiva, ainda que baseada inicialmente na composição clássica (embasamento, corpo, coroamento), e da verticalização dos edifícios em Nova-Iorque. A verticalização se devia à regulamentação da retícula urbana, que tornava mais lucrativa a ocupação da quadra inteira com uma única estrutura de altura ilimitada. A regulamentação rigorosa do espaço urbano não se estendia à arquitetura, que era tratada em separado. Koolhaas descobre a partir do arranha-céu o fenômeno da *interiorização* da arquitetura, aplicável à qualquer outra megaestrutura, que aconteceria a partir daquilo que ele descreve como a “*lobotomia arquitetônica*”; que é a ruptura da relação entre a fachada e interior. A

²² TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 38.

²³ Ver capítulo sobre o espaço geométrico, adiante.

²⁴ TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 38.

riqueza de atividades desenvolvidas internamente caracterizavam o arranha-céu, que passava a operar como “*uma cidade dentro da cidade*”²⁵. No arranha-céu, Koolhaas constata a independência entre a forma e o significado: seu exterior monumental sugere permanência e solidez e o interior, o “*fluxo da vida*”. A *congestão* urbana, própria da metrópole, alimentaria tanto a escala gigantesca dos edifícios como a *urbanidade* do seu interior multifuncional. Koolhaas conclui que a arquitetura de NY resolvia alguns impasses, que o surgimento da metrópole colocava. Esses impasses não teriam sido assimilados e desenvolvidos pelos arquitetos modernos e pós-modernos, ou por eles não terem compreendido a questão da desarticulação (formal e programática) do edifício com o contexto urbano na realidade metropolitana, ou por rejeitarem a proposta de vida desse modelo urbano (nos anos 1960). (Fig. 2 e 3).

O Plano Obus, a tabula rasa e a escala metropolitana

Segundo Tafuri, a solução para a questão urbanística não teria sido alcançada pela corrente moderna *produtivista*, ilustrada pelos arquitetos da Bauhaus, porque eles estavam presos à abordagem antiurbana das *Siedlungen*, que valorizava a pequena escala e que promovia a vida comunitária:

*“The fact is that in themselves these experimental quarters were part of a global antiurban ideology. If this ideology, on the one hand went back to that of Jefferson, on the other, it was deeply rooted in the tradition of socialist thought. (But not that of Marx (...))At the base of the urban reorganization led by May and Martin Wagner was the postulate of the intrinsic negativeness of the large city. The settlement was thus to be an oasis of order, an example of how it is possible for working-class organizations to propose an alternative model of urban development, a realized utopia. But the settlement itself openly set the model of the “town” against that of the large city.”*²⁶

É Le Corbusier que melhor sintetizaria a realidade moderna: ele não se restringiu à questão dos produtos industriais, voltando-se para a metrópole cosmopolita e para a sociedade de massas (ele considera o todo o ciclo, produção, distribuição e consumo). No *Plano Obus*, as altas densidades metropolitanas e o caráter mutante das necessidades individuais são conjuntamente considerados através da elaboração de um modelo arquitetônico flexível e expansível. Sua

²⁵ KOOLHAAS, R. *Nova York delirante*. SP: Cosac Naify, 2008.p.113.

²⁶ TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 119.

proposta não se abstém de pensar as condições futuras do projeto executado, sugerindo uma forma arquitetônica bem definida, que se sobrepõe sobre a tendência à fragmentação e ao caos do espaço urbano.

Tafuri descreve, no livro *Architecture and Utopia*, o projeto megaestrutural de Le Corbusier, o *Plano Obus* (1930) na Argélia, como a mais ousada proposta desenvolvida pela arquitetura e urbanismo modernos²⁷. Em primeiro lugar, porque Corbusier romperia a relação histórica existente entre a arquitetura e a malha urbana, que é traduzida pela relação entre o edifício, o quarteirão e a cidade. Nesse projeto, uma gigantesca estrutura horizontal e flutuante ondulante segue o contorno do morro de *Fort-l'Émpereur*, cujo relevo natural é tratado como um “*ready-made gigantesco*”²⁸ a ser utilizado como material da arquitetura. A arquitetura é identificada com a natureza, pois ambas são subjugadas pela ação do homem com auxílio da tecnologia (*Paisagens antropogeográficas*). Essa gigantesca estrutura arquitetônica podia ser produzida em série, portanto o projeto podia ser *deslocado* para outros lugares, como foi sugerido para o Rio de Janeiro. Essa possibilidade de transposição da estrutura para diversas localizações comprovavam a ausência de relação delas com o terreno (eram suspensas) e de articulação hierárquica com outros elementos arquitetônicos. Apenas o campo topológico do habitat humano é considerado. Dentro dessas estruturas, os moradores construiriam como quisessem suas casas, participando ativamente na produção. Os solos artificialmente disponibilizados independeriam de um estatuto da terra. Segundo Tafuri, Corbusier propõe um sistema urbano, pautado na organização *antinatural* da *máquina da cidade*: redes de estradas comunicariam com os vários níveis de solos artificiais criados, construindo uma “*imagem unitária de um organismo maquínico independente, que envolve todo o ciclo de produção, distribuição e consumo*”²⁹. As residências criadas pelos moradores dariam um toque de irracionalidade à composição rigorosamente planejada. Não se pressuporia a unidade mínima da habitação estandardizada, mas uma célula residencial que poderia se transformar em função

²⁷ “In Contrast to Taut, May, or Gropius, Le Corbusier breaks up the continuous sequence of architecture-quarter-city”. TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 127.

²⁸ TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 127.

²⁹ TAFURI, M. *Architecture and Utopia. Design and Capitalist Development*. MIT, 1976. P. 128.

da vontade dos consumidores, sugerindo a forma aberta e expansível dentro dos limites da estrutura principal. A megaestrutura de Le Corbusier atenderia tantos aos anseios de individualização da geração de 1960, quanto à questão da reprodutibilidade e dos grandes números dos modernos. O Plano Obus de Cosrbuier foi referencial importantíssimo para os arquitetos japoneses, de Kenzo Tange aos Metabolistas. Para Fumihiko Maki, conforme veremos adiante, a megaestrutura apresentaria um problema quanto aos critérios da definição de qual deveria ser considerada a estrutura principal, com programa fixo, e qual a parte mutante. Para Koolhaas, o problema das propostas de Le Corbusier seria sua horizontalidade dispersante, como veremos na crítica ao “*arranha-céu horizontal*”.

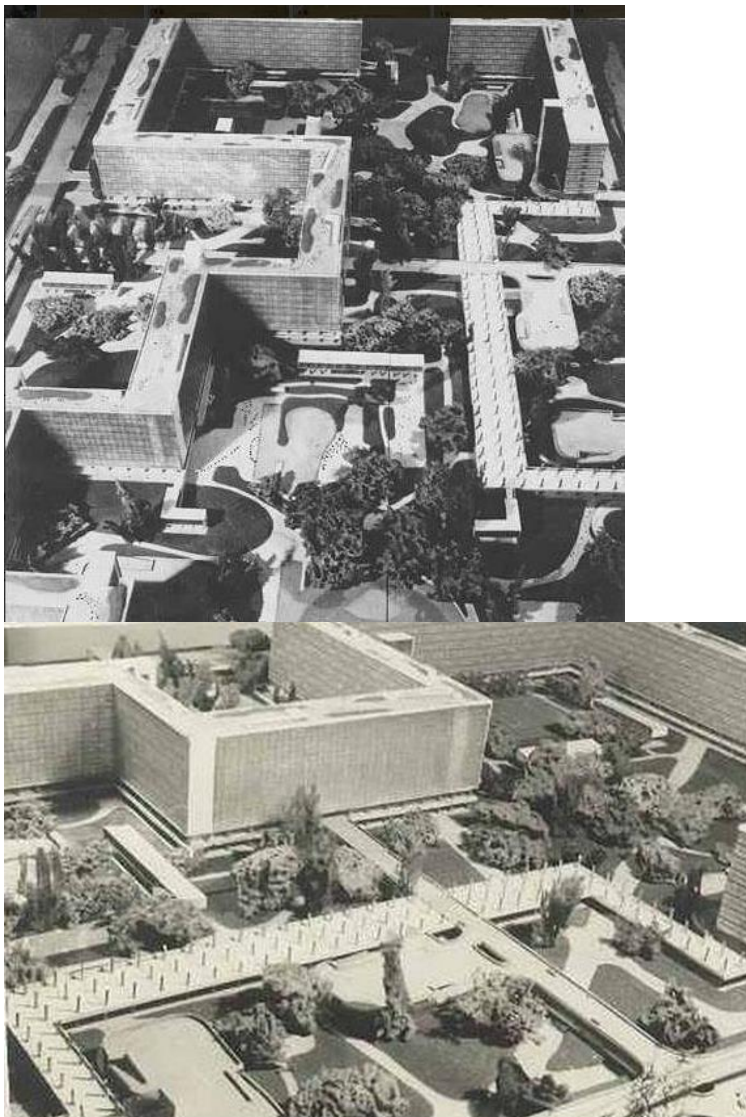


Figura 2: Projeto de Le Corbusier para uma *Ville Radieuse*, 1930.
Para Koolhaas, Corbusier não teria compreendido a importância da Cultura da Congestão, ao propor um *arranha-céu horizontal*.

Fonte Fotos: www.fondationlecorbusier.fr

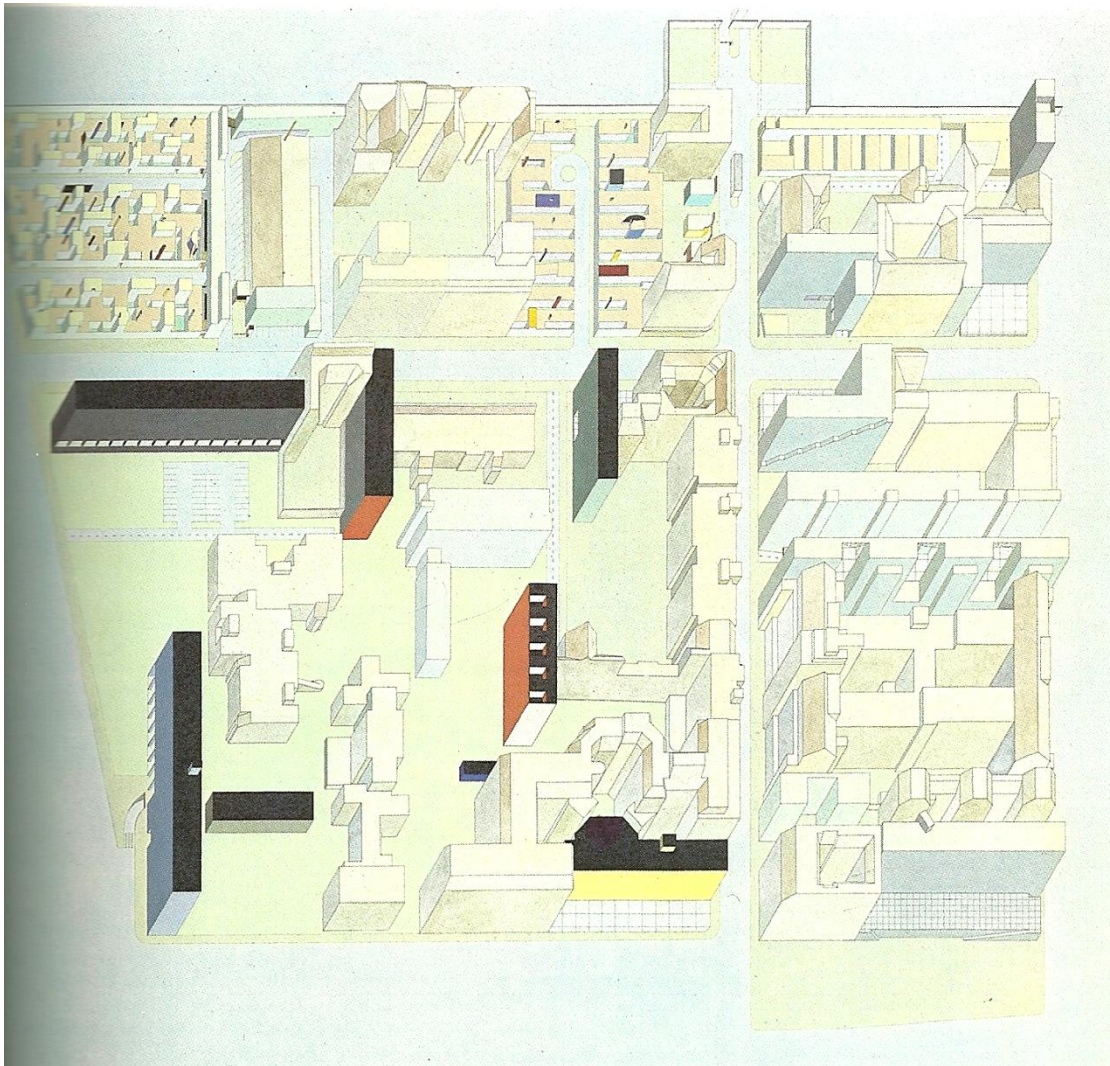


Figura 3: Projeto para o concurso da IBA, OMA em 1980.

Alemanha Ocidental, parte sul da Friedrichstrasse. Perspectiva Isométrica. Influência estética da Bauhaus e do movimento De Stijl: blocos laminares ortogonais e cores primárias.

Tabula Rasa. O traçado da rua não determina a arquitetura. A malha urbana, enquanto estrutura organizadora da cidade mostra-se anacrônica diante da perda de referências formais próprias da metrópole contemporânea.

Fonte: KLOTZ, Heinrich (Hrsg), *Die Revision der Moderne: Postmoderne Architektur 1960 – 1980*. München : Prestel, 1984.

2.3.

Retomada do Moderno por Koolhaas. Sua visada megaestrutural via o conceito de *Bigness (XXL)*: O edifício urbano em si. A continuidade do pensamento urbanístico via o conceito de *Arquipélagos Urbanos*. A influência do urbanismo japonês.

As investigações do arquiteto Rem Koolhaas retornam às bases do projeto moderno da arquitetura e do urbanismo, porém com algumas restrições. Ele valida seu repertório formal, mas reavalia em ambos os campos o programa de transformações sociais. O viés ideológico do programa moderno arquitetônico é repensado a partir da crítica à sua instrumentalização, que o tornou suscetível aos poderes políticos autoritários. Além disso, o projeto moderno pressupunha um tipo de intervenção que se pretendia totalizante, cujo objetivo final seria utópico e incompatível com a realidade caótica e mutante da cidade contemporânea.

O tema da “quantidade” foi abandonado pelos arquitetos europeus, por ter gerado espaços urbanos considerados problemáticos em termos de “qualidade”, como, por exemplo, as “cidades utópicas” de Brasília e Chandigarh. A condenação do espaço urbano moderno levou a pesquisa arquitetônica ocidental ao abandono de um vasto campo de questões. Para Koolhaas, esse abandono acarretou na perda em termos da elaboração de programas, tipos, modelos urbanos e teoria. A consciência pós-moderna do espaço implicou na repetição ingênua de sinalizadores clássicos da qualidade espacial, o que se pode verificar na proliferação de museus e na ênfase à construção de espaços públicos a partir dos anos 80. A incapacidade da arquitetura contemporânea em lidar com a urgência das questões demográficas, inerente a qualquer cidade contemporânea, limitou a arquitetura a uma “*eterna reciclagem*” de elementos arquitetônicos e formas para o desenho urbano.

Koolhaas retoma o paradigma moderno da “quantidade”, através da pesquisa da arquitetura asiática. Para ele, a Ásia foi o único lugar, onde a arquitetura se desenvolveu de modo realmente inovador, depois do movimento moderno. A contribuição arquitetônica dos japoneses somada às circunstâncias das economias emergentes deram margem para o surgimento de metrópoles em condições inimagináveis no Ocidente até então, mas que poderão se tornar realidade diante do processo da globalização. No Oriente, tanto a arquitetura,

quanto as intervenções urbanas em larga escala continuaram a serem desenvolvidas.

A legitimidade da escala XXL e “O edifício urbano em si”. O espaço da cidade como *Arquipélagos Urbanos*

Rem Koolhaas requalifica o caráter totalizante e autoritário atribuído à arquitetura moderna a partir do conceito de “*Bigness*”³⁰, que já estava latente em seu livro *Delirious New York* de 1978. Tal conceito da arquitetura é no livro delineado através da observação dos arranha-céus nova-iorquinos, cuja novidade se caracterizava mais pelo surpreendente desenvolvimento de atividades no seu interior, que por sua monumental forma externa. Os interiores alcançavam a complexidade de um espaço urbano, *uma cidade dentro da cidade*, como na definição de megaestrutura feita por Maki³¹. Em tais edifícios havia um radical divórcio entre a aparência e a performance. Esse fenômeno acontecia quando se ultrapassava o marco do centésimo andar, provocando a realização de uma verdadeira “*lobotomia*” entre a sua fachada e o seu programa de atividades:

“Além de uma certa massa crítica, essa relação se sobrecarrega e ultrapassa o ponto de ruptura: essa “ruptura” é o sintoma da automonumentalidade.

*Na discrepância deliberada entre continente e conteúdo, os criadores de Nova York descobrem uma área de liberdade sem precedentes. Eles exploram e a formalizam com o equivalente arquitetônico de uma lobotomia (...)”*³²

O arranha-céu nova-iorquino revelava que o dinamismo das atividades ali desenvolvidas era consequência da *cultura da congestão*, própria da vida metropolitana, estimuladas apenas pelo alto contingente de pessoas atravessando o espaço comum do arranha-céu. Seus arquitetos se restringiam à determinação do grande continente externo, o interior permanecia indeterminado. Seria exatamente o caráter paradoxal da grande escala, determinada e indeterminada aí desvendado, que poderia e deveria ser explorado pelos arquitetos, e que Koolhaas endossa posteriormente com o nome de *Bigness*. Tal indeterminação implicada nos edifícios grandes e nos projetos na escala XXL, restituiria a legitimidade perdida

³⁰ Manifesto *Bigness or the problem of the large*. KOOLHAAS, Rem e MAU, Bruce. **S,M,L,XL: OMA**. New York: The Monacelly Press, 1995. p. 495.

³¹ Ver capítulo sobre os conceitos makianos.

³² KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante, 1978/2008*, p.126.

da arquitetura ao permitir ao legar aos ocupantes na definição de seus espaços. Segundo Koolhaas, somente a escala monumental proporcionaria tal liberdade. A verificação desse divórcio da fachada, desenhada pelo arquiteto, do conteúdo livre no interior comprovava que o arquiteto não possuía o *total* controle sobre a arquitetura *Big* executada.

A indeterminação programática do arranha-céu nova-iorquino seria ainda reforçada pelo efeito da sobreposição dos andares do edifício, sem uma infiltração de simbolismos ou função entre eles. Cada andar podia desenvolver atividades totalmente independentes dos outros andares, tais como o culto religioso, prática esportiva e habitação. Em comum, eles tinham apenas o fato de serem atravessados pelo elevador, que era o que permitia a extensa multiplicação dos andares. A autonomia de cada andar reforçaria a ideia de ausência de uma finalidade predeterminada. Cada andar corresponderia ao desenvolvimento de “*atividades imprevisíveis, simultâneas e instáveis*”³³. Esse segundo aspecto seria o que Koolhaas denomina, “*o cisma vertical*”, que complementaria, junto da estratégia dos arquitetos nova-iorquinos da “*lobotomia*”, a autonomia do interior do arranha-céu, afirmando sua novidade:

*“Ao negar a dependência entre os andares, o “cisma vertical” permite sua distribuição arbitrária dentro do mesmo edifício. É uma estratégia essencial para o desenvolvimento do potencial cultural do arranha-céu: ela aceita a instabilidade de uma composição definitiva do arranha-céu para além de um único andar, enquanto contrapõe-se a essa instabilidade, abrigando cada destinação conhecida com a máxima especificidade, se não com uma sobre-determinação.”*³⁴

Esse fenômeno do arranha-céu acontece, segundo Koolhaas, em qualquer edifício que alcance determinada “*massa crítica*”. Ele independe da intenção, do *gesto* do arquiteto que o planejou. Apesar da autonomia de suas partes, o edifício na escala XXL se mantém como um *Todo* heterogêneo e fragmentado, rompendo com as questões do repertório arquitetônico clássico de composição, como escala e proporção.

³³ Idem, p. 109.

³⁴ KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante*, 1978/2008.p.134.

Pois, quando o núcleo do edifício se afastava da fachada devido ao seu tamanho, a fachada e núcleo passam a corresponder a projetos distintos. A determinação formal exterior não poderia controlar tudo que seria desenvolvido em seu interior. “*Bigness*” proporciona tanto um empreendimento da *totalidade*, sua forma arquitetônica externa, quanto uma abertura aos eventos casuais, aqueles que não podem ser predeterminados pelo arquiteto. O edifício passa a ser um híbrido, montado a partir de partes independentes. Meios técnicos não-arquitetônicos ajudam a organizar a arquitetura (elevadores, ar-condicionado etc.). O arquiteto não seria o único responsável pela performance do edifício. A autonomia das partes internas não afeta a forma estável externa que se impõe monumentalmente sobre o contexto³⁵. Nessa escala de grandeza, o edifício se torna urbano em si. O espaço do entorno urbano é aceito como espaço residual da arquitetura, como no modernismo:

“No arquipélago metropolitano, cada arranha-céu – na ausência de uma história real – desenvolve seu próprio “folclore” instantâneo. Pela dupla desconexão da lobotomia e do cisma – ao separar a arquitetura exterior da interior, e ao desenvolver esta última em pequenas parcelas autônomas – tais estruturas podem dedicar seu exterior apenas ao formalismo e seu interior apenas ao funcionalismo.

*Dessa maneira, não só resolvem definitivamente o conflito entre forma e função, como também criam uma cidade onde monólitos permanentes celebram a instabilidade metropolitana.”*³⁶

Koolhaas propõe uma retomada teórica e operativa desse espaço desacreditado pela geração de 68, geração de Rem Koolhaas:

“Modernism’s alchemistic promise-to transform quantity into quality through abstraction and repetition-has been a failure, a hoax: magic didn’t work. Its ideas, aesthetics strategies are finished. Together, all attempts to make new

³⁵ Koolhaas estabelece **5 pontos da arquitetura da Bigness**: 1. quebra da escala com a **automonumentalidade**; 2. **Cisma vertical** e quebra da composição “*artística*”; 3. **lobotomia** interior e exterior; 4. **indeterminação programática, fim da ética do gesto do arquiteto**; 5. ruptura com tecido urbano: “*Together, all these breaks – with scale, with architectural composition, with tradition, with transparency, with ethics – imply the final, most radical break: Bigness is no longer part of any urban tissue. It exists; at most, it coexists. Its subtext is fuck context*”. KOOLHAAS, Rem e MAU, Bruce. **S,M,L,XL: OMA**. New York: The Monacelly Press, 1995. p.502.

³⁶ KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante, 1978/2008*, p.333.

beginning. A collective shame in the wake of this fiasco has left a massive crater in our understanding of modernity and modernization.”³⁷

Para ele, a estratégia de intervenção urbana deveria estar centrada na retomada da questão quantitativa, presente no desenvolvimento de infraestruturas (estradas, aeroportos, New Towns, cidades satélites, edifícios altos etc.) capazes de atender à grande densidade demográfica das cidades contemporâneas, e não no design dos edifícios. A manipulação de infraestruturas visaria à diversificação, à redistribuição, à “*reinvenção do espaço psicológico*”. O urbanismo não deveria mais se basear numa fantasia modernista de ordem e onipotência, mas em arranjos provisórios, incertos e difusos. A certeza do fracasso no planejamento totalizante, a impossibilidade de tomar definições definitivas transforma o urbanismo numa “*Gay Science-Lite Urbanism*”, onde os arquitetos deverão estar livres para ousar não como criadores, mas como seus defensores (*its supporters*).

A crítica aos aspectos totalizantes da arquitetura e do urbanismo em grande escala, disseminada no final dos anos 60, teria levado os arquitetos ocidentais a uma atitude defensiva e inoperante. A partir dessa crítica todos conheceram os erros cometidos em função das megaestruturas, mas ninguém se dedicou a teorizá-las. O tema das megaestruturas foi simplesmente descartado e junto dele o debate em torno da possibilidade de ação do arquiteto sobre o Real. Para Koolhaas, o abandono das questões do Todo e do Real no momento em que o mundo se organiza globalmente em termos de uma mega escala, constitui um paradoxo que não deveria ser ignorado.

Para Koolhaas, as cidades asiáticas se tornaram um paradigma da modernização que não pode ser ignorado perante essa realidade do mundo globalizado. As cidades asiáticas constituem um modelo de cidade que vem se constituindo em função de um “*marketing urbano*” no lugar do urbanismo ou da arquitetura. Elas ilustram com clareza as novas condições sobre as quais os arquitetos deverão trabalhar, reavaliando o conceito modernista de infraestruturas urbanas e da concepção do *Todo*:

³⁷ KOOLHAAS, Rem e MAU, Bruce. **S,M,L,XL: OMA**. New York: The Monacelly Press, 1995. p. 958.

“So here we are facing a new concept of infrastructure: infrastructure that were mutually reinforcing and totalizing are becoming more and more competitive and local. In the modernist spirit, infrastructures were a response to improve a certain situation – in terms of the acceleration of traffic, for instance – in an almost medical approach. This is no longer true today.(...)”

Infrastructures no longer pretend to create functioning wholes but now spin off functional entities. Instead of network and organism, the new infrastructure creates enclave and impasse: no longer the grand récit but the parasitic swerve.”³⁸

Os arquitetos japoneses, ligados ao Movimento Metabolista, desempenharam um papel importantíssimo no urbanismo contemporâneo dessas cidades asiáticas, em países tais como Singapura, China e Coreia. A experiência japonesa em lidar com as obras em grandes escalas foi obtida a partir da necessidade de reconstrução após situações de cataclismos ou do pós Segunda-guerra. Ela propiciava a aplicação do arsenal da arquitetura moderna, que vinha sendo incorporado no país desde o final século XIX sem interrupções. A absorção do vocabulário moderno era associada à conceitos tradicionais orientais, dando origem ao que o arquiteto Fumihiko Maki denomina vocabulário arquitetônico *Vernacular Industrial*. Tal fusão da tradição com a modernidade acontecia no Japão sem que se criasse celeumas acerca da questão da universalidade do vocabulário moderno. Ainda assim, o desenvolvimento da arquitetura moderna no Japão só pode ser entendido à luz da cultura local, que se formou historicamente aliando elementos estrangeiros. Nesse sentido, é fundamental entender como a introdução do Budismo, através da China, modificou a cultura xintoísta original do país e, por conseguinte, também sua arquitetura, definindo o conceito de espaço da arquitetura japonesa, tal como conhecemos hoje, conforme demonstrado pelo historiador Mitsuo Inoue. Por outro lado, veremos como esse vocabulário moderno, desenvolvido no Oriente, pode ser utilizado por Koolhaas por permitir ser operado como uma ferramenta universal.

A reinterpretação de conceitos tradicionais japoneses a partir da arquitetura moderna foi feita por diversos arquitetos e historiadores japoneses,

³⁸ Texto de Rem Koolhaas sobre a arquitetura urbana emergente no sul da China no Pearl River Delta. KOOLHAAS, Rem, HARVARD PROJECT ON THE CITY. *Mutations*. Barcelona: Actar, 2000, p.332.

tendo sido conhecida pelo mundo a partir da repercussão causada pelo grupo Metabolista e seu mentor, Kenzo Tange.